

FATOS & VOZES - 2ª TEMPORADA

SÉRIE 'CONQUISTA DE QUILOMBOS'

EPISÓDIO 04 - MANCHETE DE JORNAL

[LOCUÇÃO - AFONSO]

“Atendimento médico em um bar, no fundo de uma igreja, na calçada. Postos de Saúde que desmoronaram, médicos que aparecem uma vez por mês ou nem isso. Este é o cenário da precariedade da saúde em quilombos de Vitória da Conquista, no interior da Bahia”.

[LOCUÇÃO - KARINA]

E isso que você acabou de ouvir, acredite, não fomos nós que escrevemos para o roteiro deste episódio. É, na verdade, o primeiro parágrafo - ou lead, como a gente chama no jornalismo - de uma reportagem publicada no dia 31 de outubro de 2023 por um dos principais jornais do Brasil: a Folha de São Paulo.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Claro que a Folha não mandou nenhuma equipe de reportagem até a zona rural de Vitória da Conquista para apurar a situação precária da saúde em comunidades quilombolas do município. Afinal, isso tem um custo e não seria nada barato deslocar um repórter de outro estado para realizar essa investigação. A matéria foi um dos conteúdos produzidos a partir das visitas que nós do Conquista Repórter fizemos a 11 dos mais de 30 quilombos conquistenses.

[LOCUÇÃO - KARINA]

O texto foi escrito pela nossa diretora executiva, Victória Lôbo. E quando surgiu a oportunidade de publicá-lo com exclusividade na Folha de São Paulo, nem pensamos duas vezes. O motivo é um tanto óbvio. Nós sabíamos que a repercussão e o impacto da publicação dessa reportagem em nosso site dificilmente seria o mesmo do que se a situação se tornasse manchete de um dos jornais mais acessados do país.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

E olha, a gente não tá desmerecendo o nosso trabalho ao dizer isso, até porque a matéria nem sequer existiria se não fosse o Conquista Repórter. Porém, não dá pra simplesmente ignorar o fato de que o jornalismo independente ainda ocupa um lugar

bastante marginalizado em comparação à mídia hegemônica ou tradicional. Por isso, parcerias ou colaborações com grandes jornais são sim bem-vindas e válidas quando denúncias tão urgentes se fazem necessárias.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Além disso, vale destacar que não é sempre que um jornal como a Folha pauta a cidade de Vitória da Conquista em seu noticiário. Quando isso acontece, a repercussão em blogs locais de amplo alcance já é até esperada. E o que vira notícia não é nem tanto o fato ou a denúncia que foi relatada, mas sim, a notícia em si. Quer dois exemplos? Ouça só como a reportagem sobre a situação da saúde nos quilombos conquistenses repercutiu em alguns veículos on-line de Vitória da Conquista. A narração é da Victória Lôbo.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

No Blog do Anderson, o título ficou assim:

[ILUSTRAÇÃO - Narração de título]

Na Folha de S. Paulo | Sem estrutura, atendimento de saúde em quilombos de Vitória da Conquista ocorre até em bar.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Já no Blog do Sena, a manchete foi essa...

[ILUSTRAÇÃO - Narração de título]

Sem estrutura, situação de atendimento de saúde em quilombos de Vitória da Conquista é destaque nacional.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Não mudou quase nada, né? Mas você percebe que a ênfase dada pelos blogs está muito mais no fato da Folha ter pautado esse assunto? Bom, críticas à parte, o importante é que a denúncia foi amplamente divulgada e chegou onde a gente espera que chegue quando produzimos uma reportagem como essa: nos espaços de poder. A matéria saiu numa terça-feira, foi republicada por outros portais nacionais como o Terra, e continuou reverberando durante toda aquela semana. No dia seguinte à publicação, até virou pauta na plenária da Câmara Municipal de Vereadores.

[ILUSTRAÇÃO - Pronunciamento de Viviane]

E nós queríamos aqui dizer nessa manhã, né, que lamentamos essa matéria, né, da Folha de São Paulo, onde essas pessoas que necessitam de atendimento à saúde, educação e outras políticas públicas que deveriam ser priorizadas nesse município são tratadas como... são invisibilizadas pela gestão atual. Dizer que em relação à pasta da Saúde, né, as equipes de saúde da família elas recebem um valor, um adicional, pelo Ministério da Saúde quando as equipes atendem áreas de comunidades quilombolas.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Essa voz é da vereadora Viviane Sampaio, que é presidente da Comissão de Saúde do Legislativo municipal. Como integrante da bancada de oposição ao então governo da prefeita Sheila Lemos, do União Brasil, Viviane aproveitou também para destacar que muitos dos postos que hoje estão em condições precárias de infraestrutura nas comunidades quilombolas foram obras realizadas no período em que o seu partido, o PT, ocupava o poder, principalmente durante a gestão do ex-prefeito Guilherme Menezes.

[ILUSTRAÇÃO - Pronunciamento de Viviane]

Esses postos de saúde, essas unidades que a gente denominava de unidades satélites foi iniciativa sim do governo de Dr. Guilherme Menezes, que além das unidades sede, das equipes de Saúde da Família, construía nas comunidades dos povoados esses postos satélites para dar maior conforto e humanização do atendimento da população e também aos trabalhadores. E que é muito triste a gente começar a rodar a zona rural e perceber que esta atual gestão e a gestão também do prefeito Herzem sequer, né, deu uma demão de tinta nessas unidades de saúde. E que infelizmente com o passar do tempo essas obras elas vão se deteriorando e a comunidade é quem mais sofre.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Ah... o jogo político... Quem também fez questão de falar do assunto, inclusive, foi o pré-candidato do PT às eleições municipais de 2024, o então deputado Waldenor Pereira, que destacou a denúncia publicada na Folha em uma entrevista concedida à Band FM.

[ILUSTRAÇÃO - Entrevista de Waldenor]

Lamentavelmente, né, nós vemos... acompanhamos com muita tristeza, até um pouco envergonhados, porque até pouco tempo, né, a cidade era destacada nacionalmente pela excelência, pela qualidade na saúde. Eu me lembro que o José Serra, quando era ministro da Saúde, ele citou Vitória da Conquista como um

exemplo de excelência na saúde. Essa notícia dá conta de que Vitória da Conquista, que é a décima maior população quilombola do Brasil, e a atenção de saúde está sendo feita na calçada, em bar, né, em igrejas, de forma improvisada, sem falar nos problemas relativos à falta de profissionais de saúde: falta de médicos, enfermeiros. Tem médicos que vem de mês em mês. Segundo a reportagem tem um posto de saúde que está fechado há três anos. Então, nós ficamos também muito tristes, lamentando, envergonhado com essa reportagem em um dos principais jornais do Brasil, né, que é a Folha de São Paulo.

[LOCUÇÃO - KARINA]

No momento da publicação deste episódio, os planos de governo dos candidatos à Prefeitura de Vitória da Conquista em 2024 ainda não foram divulgados, mas cabe tanto a nós como jornalistas quanto a você, enquanto cidadão ou cidadã, verificar se discursos e lamentações acerca de situações como essa também irão se traduzir em propostas ou ações práticas que visem a solução desses problemas, que, de fato, não são poucos. Aqui, o nosso objetivo é evidenciar e amplificar as vozes de quem os vivencia cotidianamente no território onde vive, como o morador do quilombo de Cachoeira das Araras, Antônio Prado Santos, com quem conversamos debaixo de uma árvore na manhã do dia 23 de setembro de 2023.

[ENTREVISTA - ANTÔNIO]

Eu me considero um líder comunitário, porque tudo que é pra resolver, conversar, receber, qualquer categoria de gente, graças a Deus eu sei receber, entendeu? Então é isso. Meu... meu papel na comunidade é ajudar. E cobrar também, porque nós aqui é muito carente, em todos os sentidos.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Foi o relato do Antônio que deu origem ao título da reportagem na Folha de São Paulo. Só bastou uma pergunta.

[ENTREVISTA - ANTÔNIO]

Vic: Aqui tem posto de saúde? **Antônio:** Não. No papel tem, mas eles fala que tem, mas que teve um antigamente deixou acabar. **Afonso:** Ficava aonde? **Antônio:** Aqui do lado da igreja aqui ó. Era mais ou menos aonde que tá a igreja aí. Deixou acabar o posto e eu lamento por isso, porque, quando a gente tem um bens, a gente tem que cuidar, principalmente se for público, né? Eu sou assim. Dependo da coisa pública eu não espero pela Prefeitura, eu também zelo. E deixou acabar esse posto. **Vic:** E esse, você disse que existia no papel. Então ele não foi oficialmente fechado? **Antônio:** Não, ele não foi fechado. Ele foi caindo, ficou deteriorando aos pouco e aí... **Vic:** parou de ter atendimento... **Antônio:** Parou. E aí acabou. Foi

caindo aos poucos, ninguém fez manutenção. E aí no papel que eu te falo que foi feito um posto de saúde, entendeu? E aí infelizmente de lá pra cá é uma demanda pedindo posto de saúde e ninguém faz.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Depois que o prédio do posto de saúde que existia na comunidade desabou, os atendimentos, que ocorrem apenas uma vez ao mês, passaram a ser realizados no salão de uma igreja localizada no centro de Cachoeira das Araras. Mas ela precisou ser reformada e, então, as consultas foram remanejadas para outro local. Sabe onde? Antes de ouvir a resposta do Antônio, poderíamos cogitar algumas possibilidades como a escola do quilombo, que continua ativa, ou mesmo o posto de saúde da comunidade quilombola vizinha, chamada Laranjeiras.

[ENTREVISTA - ANTÔNIO]

Mas infelizmente hoje, o atendimento médico aqui é no boteco, numa venda, aonde que vende bebidas.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Após a gravação da entrevista, Antônio nos levou até o bar onde vinha ocorrendo os atendimentos de saúde na comunidade. Pintado de verde claro, o local fica em frente a um campo de futebol onde também há várias casas no entorno. É logo na entrada do boteco, numa área coberta, que os pacientes são atendidos. No espaço, ficam algumas cadeiras de plástico e uma mesa de madeira, utilizados durante as consultas, tudo de maneira improvisada. Não é à toa que uma situação dessa foi parar na Folha de São Paulo, né?

[ENTREVISTA - ANTÔNIO]

Antônio: Aqui é grave o negócio. **Karina:** E a associação já fez esse pedido várias vezes de ter um posto de saúde de novo? **Antônio:** Ah, sim, sim. Inclusive até pra políticos importantes nessa área aqui já foi solicitado, já, a associação sim, com certeza.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Em Cachoeira do Rio Pardo, que fica no distrito de Inhobim, a líder comunitária Alemarcia Santana também aguarda até hoje a resposta a esse mesmo pedido, que nunca foi atendido. O povoado é uma das comunidades quilombolas de Vitória da Conquista que, ao lado de outras como Lamarão, Baixa Seca e Muritiba, nem sequer contam com um posto de saúde.

[ENTREVISTA - ALEMARCIA]

Eu falo pra você: eu já viajei pra... viajei pra Salvador, uma época. Tudo que tinha eu participava, tudo que tinha eu tentava participar. A gente fazia documento e mandava esse documento pedindo unidade básica de saúde. Nossa, eu lembro que uma época eu fui pra Seabra mesmo, ali na Chapada Diamantina. Nós ficamos lá uns três dias e elaboramos um documento e tal, só que até hoje também não tivemos resposta. A unidade de saúde que tem é em Inhobim.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Mas a sede do distrito fica a 9 quilômetros de distância do quilombo. E de acordo com Alemarcia, quando algum médico vai até Cachoeira do Rio Pardo...

[ENTREVISTA - ALEMARCIA]

... atende é na igreja, atende na cozinha. Teve uma vez que estava atendendo na cozinha de uma casa lá. Então, tipo assim, fica um trem todo desproporcional. Você vai ali no médico. Às vezes a pessoa tem uma coisa pra falar, nem fala porque sabe que todo mundo está ali escutando, ouvindo o que você está falando. E assim, é uma coisa que realmente a gente necessitava, de ter um lugarzinho ali pra quando o médico for.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Se tem algo que essa apuração deixou bem claro pra gente é que sempre podemos nos surpreender a cada novo relato que ouvimos durante uma investigação sobre violações de direitos humanos. E se pra você foi chocante saber que atendimentos médicos a quilombos conquistenses têm ocorrido em bar, igreja ou mesmo na cozinha de uma casa, talvez você se surpreenda ainda mais com o relato que ouvimos do irmão de Alemarcia, o auxiliar de serviços gerais João Paulo Oliveira Santana, que é morador do quilombo de Cachoeira do Rio Pardo.

[ENTREVISTA - JOÃO PAULO]

Muitas vezes, até... funciona até nos barcos que tem lá na margem da estrada também que funciona. **Afonso:** Até no barco? **João Paulo:** Uhum, funciona até no barco. **Afonso:** Entendi. Você já presenciou alguma situação assim? **João Paulo:** Já, sim ohh, já fui muito em consulta lá, sim. **Afonso:** E a consulta acontecia no próprio barco? **João Paulo:** No próprio barco. As vacinas mesmo contra a covid foi toda no barco. **Afonso:** Nossa senhora, você estava no momento? **João Paulo:** Estava no momento. Como a gente é remanescente quilombola, né? E todo mundo também é ansioso para tomar logo a vacina. É tanto que eu saio daqui para ir para lá.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Não sei se deu pra entender direito no áudio, mas o resumo da história é que tem atendimento médico que ocorre até em barco, na margem do Rio Pardo. Isso porque, para acessar várias casas do quilombo, é preciso atravessar o rio. E essa é só mais uma evidência do quão urgente é garantir o acesso dessa e de tantas outras comunidades a serviços básicos como a saúde, que lhes possibilitem ter o mínimo de dignidade humana.

[TRILHA - VINHETA DE ABERTURA]

[LOCUÇÃO - AFONSO E KARINA]

Afonso: Meu nome é Afonso Ribas e este é o Fatos & Vozes, um podcast original do Conquista Repórter, site de jornalismo independente de Vitória da Conquista.

Karina: Eu sou Karina Costa e você está ouvindo a série “Conquista de Quilombos”, produzida com o apoio do Centro Internacional para Jornalistas - ICFJ, na sigla em inglês, da Meta e da Associação de Jornalismo Digital. Episódio 04: Manchete de jornal.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

A precarização do acesso à saúde em quilombos de Vitória da Conquista foi um assunto que se destacou desde a primeira visita que fizemos a uma comunidade quilombola do município, logo no início de setembro de 2023. A escolha do primeiro quilombo que conhecemos, na verdade, se deu em razão da pessoa número 1 que queríamos entrevistar naquele início de apuração: o historiador Domingos Lemos, que é presidente do Conselho das Associações Quilombolas do Sudoeste Baiano. Isso você já sabe, caso tenha ouvido, claro, os episódios anteriores desta série. Mas o que eu não te contamos ainda é que Domingos também é agente comunitário de saúde no quilombo de São Joaquim do Sertão, onde nos recebeu em uma manhã ensolarada de quarta-feira. O nosso ponto de encontro foi justamente o posto de saúde do povoado.

[AMBIENTAÇÃO]

Afonso: Olá, Domingos, tudo bem? **Victória:** Tudo bom? **Afonso:** Prazer, Afonso. Somos do Conquista Repórter. Essa é Victória. Aqui é Fabrício que veio nos trazer. Como está? **Domingo:** Beleza.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Assim que encontramos Domingos, ele nos leva para o local onde gravaríamos a entrevista: a sede associação de moradores da comunidade, que funciona no salão de uma igreja católica. No curto caminho até lá, os indícios de que ele era agente de saúde do quilombo ficam evidentes assim que encontramos algumas moradoras da localidade.

[AMBIENTAÇÃO]

Mulher: Bom dia, (nome indiscernível). Deus abençoa. Eu trouxe o papel, se dá certo... Mas não dá não, né? **Domingos:** Sei não, aí tem que conversar com ela. **Afonso:** Bom dia, gente. [Várias pessoas falando ao mesmo tempo]. **Domingos:** Ela teve o quê? **Mulher:** ... a receita, aí tem que fazer outra pra ela.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Aquela era, literalmente, uma manhã de trabalho para Domingos. Então, não era de se estranhar que houvesse pessoas lhe procurando para tratar de questões de saúde naquele momento. Mas ele já tinha reservado um espaço na sua agenda para nos receber. Então, seguimos para o salão paroquial, onde outra liderança da comunidade já nos esperava para a conversa.

[AMBIENTAÇÃO]

Afonso: Bom dia. **Mulher:** Bom dia. **Afonso:** Tudo bem? **Vic:** Bom dia. **Domingos:** Essa aqui é uma companheira de luta aqui da comunidade. **Afonso:** Tudo bem? **Domingos:** Logo tá chegando outra aí. [Todos se cumprimentam]. **Afonso:** Tudo bem?

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Após cumprimentarmos uns aos outros, nos sentamos no centro da sala, em volta de uma daquelas mesas brancas de plástico que a gente costuma encontrar principalmente em bares. O ambiente é amplo e arejado. As paredes são pintadas de um tom verde claro e o chão é todo de azulejo. É nesse espaço que paramos para ouvir e conhecer um pouco da história de vida de Domingos.

[ENTREVISTA - DOMINGOS]

Eu sou nascido aqui da, da, da comunidade. Comecei a estudar... tardiamente já por volta dos dez anos, porque tinha dificuldade de acesso a escola... Me formei o... em 2011, em História na, na UESB. Fui um dos pioneiros da comunidade a cursar faculdade, e sempre estou engajado nos, nos movimentos, nos movimentos sociais. É, sou formado em História mas trabalho como agente comunitário... por opção, porque eu, eu gosto do, do que eu faço e é uma forma que eu encontrei de

de tá ajudando mais a minha comunidade, de tá mais próximo com, com a, com a população.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Durante boa parte da infância e adolescência, Domingos estudou na zona rural. Na cidade, cursou o ensino médio na modalidade que era conhecida como “Acelera”, na qual é possível concluir a educação básica em um tempo menor do que o comum. Sempre ia e voltava do quilombo para a cidade e da cidade para o quilombo. E isso não mudou muito durante o período em que esteve na faculdade, mesmo cursando a graduação à noite.

[ENTREVISTA - DOMINGOS]

Eu, eu ia final de tarde, dormia na casa dum... dos patrões do, do meu pai, e voltava no dia seguinte. Trabalhava... durante o dia, final de tarde tornava ir. Pegava carona com, com os professores que vinha dar aula aqui na região. Pegava carona com eles pra ir e pra, pra voltar.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Desde essa época, Domingos já trabalhava como agente de saúde. Ele passou no concurso para a função logo depois que concluiu o ensino médio. Além disso, já era engajado com movimentos sociais, sobretudo em razão da sua vinculação com a igreja através das chamadas comunidades eclesiais de base. Com toda essa bagagem, o líder comunitário decidiu então se mobilizar mais ativamente para conseguir melhorias para seu povoado. O historiador foi, inclusive, um dos primeiros coordenadores da associação quilombola que representa São Joaquim do Sertão.

[ENTREVISTA - DOMINGOS]

Eu busquei organizar a comunidade aqui pra gente buscar algumas, algumas melhorias. Foi por intermédio disso que a gente conseguiu a unidade de... saúde. Trazer a unidade de saúde pra aqui pra comunidade porque antes os atendimentos de saúde aqui era no, no Pradoso. Aí... por intermédio do orçamento participativo, nós conseguimos mobilizar as pessoas pra que, que a gente pudesse reivindicar uma equipe saúde aqui pra São Joaquim. A gente conseguimos a unidade e a equipe, embora não seja só pra São Joaquim mas já foi um, já foi um avanço.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Segundo Domingos, a unidade de saúde de São Joaquim do Sertão foi inaugurada em 2006 e, além do quilombo, atende outras oito comunidades rurais do entorno, como Gameleira, Santa Helena, Braga e Olho D'Água da Serra. Em cada dia que a

equipe médica vai ao posto, um povoado diferente é atendido. Ainda de acordo com o agente comunitário, são realizados, no máximo, 15 atendimentos por dia. Mas atualmente, a principal queixa dos usuários é com relação à infraestrutura do prédio que abriga o serviço de saúde. A última reforma da unidade ocorreu em 2014.

[ENTREVISTA - DOMINGOS]

E de lá pra cá nenhuma pintura mais num, não teve. Tá com processo de infiltração. Cupim destruiu algumas, algumas portas internas, os, os banheiros tão todos sucateados, principalmente os banheiros do, do usuário... é tá usando água no balde porque a descarga num, num funciona... Tá precisando de uma, de uma reforma com uma certa urgência. Eu acho que se a Vigilância Sanitária passasse por aí interditava esse posto na situação que ele está hoje. **Afonso:** E a Prefeitura não faz nenhum tipo de fiscalização, de aprimoramento... **Domingos:** Não, e tem várias reivindicações, disse que tem uma equipe de manutenção, mas que a gente solicita nunca, nunca, nunca vem. Quando vem chega sem material nenhum, só olha, tira foto e fica de retornar e num, num volta. **Alguém de fundo:** Nunca mais volta...

[LOCUÇÃO - KARINA]

Outra dificuldade relatada por Domingos é a dificuldade de acesso da comunidade a consultas especializadas, já que o atendimento no posto é só com clínico geral.

[ENTREVISTA - DOMINGOS]

Se você quer fazer uma... marcar uma consulta hoje pra... com um ginecologista. Chega uma, uma paciente hoje aí pra... Passa com a médica e ela encaminha pro ginecologista, ela vai ficar aí um ano, dois ano esperando surgir um, uma, uma, uma oportunidade pra consultar com o ginecologista. Se for uma consulta com, com neuro, esquece. Aí tem essa tem, essas dificuldade. Uma luta nossa da, do, do Conselho Quilombola agora inclusive é, é essa, é ver se a gente consegue algumas cotas específicas pra os, pra os quilombolas, pra desafogar essa, essa, essa questão aí. **Vic:** Cê tem noção de quantas, quantos pedidos de consulta especializada tá parado? **Domingos:** Não num tenho... mas, a depender da especialidade... Ginecologista eu acho que tem pra mais de 100... **Afonso:** Nossa Senhora... **Domingos:** nada... na fila de espera. **Vic:** E é uma consulta básica... **Domingos:** é uma consulta básica, é. **Maria Aparecida:** e tem pessoas [que] às vezes já até morreu eu aí chega o exame já, já morreu há muitos... dias muitos mês e chega o exame aí. **Afonso:** Depois que a pessoa já morreu que chegou o exame... **Solidalva:** chegou o exame que a pessoa já tava esperando... **Afonso:** É, situação gravíssima...

[LOCUÇÃO - KARINA]

Essas outras vozes que você ouve no áudio são das moradoras Solidalva e Maria Aparecida, com quem Afonso e Victória também conversaram naquela visita. Mas além delas, outra pessoa, mais tímida, estava presente na entrevista: a atual coordenadora da associação quilombola de São Joaquim do Sertão, Natália Aparecida Ferreira, de 32 anos. Quando nossa equipe foi até a comunidade, ela tinha acabado de assumir o mandato, que até então estava a cargo de Domingos.

[ENTREVISTA - NATÁLIA]

Por enquanto eu ainda não, não sei de nada da, da presidência. Eu ainda tô... Ele ainda tá me ensinando aos poucos, ainda vai participar das reuniões comigo. Aí eu ainda por enquanto ainda não sei de nada que a presidência faz. Por enquanto ele tá passando aos poucos.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Natália é bem modesta, porque apesar de esse ser o seu primeiro mandato no cargo mais importante da comunidade, ela atuava, anteriormente, como secretária da associação de moradores. Mas além das funções que assume no quilombo como liderança comunitária, a moradora também trabalha como diarista na zona urbana de Vitória da Conquista, é mãe de dois filhos e ainda dedica parte do seu tempo ao cuidado com os familiares mais próximos.

[ENTREVISTA - NATÁLIA]

Na verdade, agora eu só trabalho dois dias de faxina numa casa é... em Conquista, né? Por conta que... Eu, eu tô com... Meu irmão operou agora de, de câncer no intestino e eu que tava com ele. E eu que, que ando com ele sabe, eu que vou fazer os exames, eu que marco eu que faço com tudo com ele. Também tô com minha irmã internada, uma filho internada, também que, que tá com hidrocefalia. Teve que colocar válvula, teve que... e tem... Tirou um tumor também no cérebro, ele tá internado, aí sempre eu revezo com ela. Às vezes ela vem e eu vou ficar no lugar. Aí eu só tô trabalhando dois dias, segunda a sexta. **Afonso:** Segunda e sexta? **Natália:** Segunda e sexta. Aí geralmente eu saio às cinco da manhã, só volto seis da tarde. **Afonso:** Hum, entendi, e tem quanto tempo já que cê tá nesse trabalho? **Natália:** Nesse trabalho eu tô acho que só tem uns dois meses, porque foi logo quando eu saí do hospital com meu irmão. Antes eu já trabalhava, eu trabalhava mensal, né? Eu trabalhava numa casa, olhando criança, também. Aí eu tive que sair por conta do meu irmão, porque eu tinha que ficar com o meu irmão, porque só tem eu, porque a outra a minha outra irmã tá com o filho dela. Aí só é nós três.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

A proximidade e a preocupação de Natália com o irmão é algo que fica evidente desde o começo da sua entrevista. E uma das dificuldades mais marcantes que ela lembra de ter enfrentado na comunidade foi justamente a negação do direito à saúde quando um de seus entes queridos mais precisava.

[ENTREVISTA - NATÁLIA]

Afonso: Teve alguma dificuldade que vocês passaram aqui na comunidade, algum problema que ficou marcado na sua memória assim, que você lembra que foi algo muito, é... **Natália:** Uma coisa que eu num esqueço que eu queria esquecer foi... [longa pausa e soluço de choro]. **Afonso:** Se você não se sentir à vontade pra falar tudo bem, viu Natália?! **Natália:** [Em voz bastante chorosa] O dia que meu irmão veio pro posto, que ele já tava com câncer, só porque tava com câncer que ele veio pro posto. É... fazendo cocô sangue, e a médica não quis atender. Nesse dia eu não esqueço. Aí no outro dia ele foi pra Conquista e chegou lá ele já descobriu que era essa doença. [Mais fungadas de choro]. Desculpa. **Afonso:** Nessa época ele veio até o posto ele não sabia ainda... **Natália:** Não. **Afonso:** E aí a médica simplesmente... **Natália:** Não quis atender porque acho que tinha muita gente e ela, e esse tempo tava muito... muito é essas coisas de dor de barriga, diarreia essas coisas tava, tava um surto, aí não quis atender ele...

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Como repórter, é muito difícil saber como reagir ao choro de uma pessoa durante uma entrevista. Eu só consigo pensar em como temos uma responsabilidade gigantesca enquanto profissionais do jornalismo ao tratar de questões tão sensíveis, principalmente quando isso envolve a história de vida do outro. E o caso que Natália contou, particularmente, era bem recente. Aconteceu ainda em 2023. Felizmente, seu irmão, William, foi encaminhado para um hospital da cidade e foi diagnosticado a tempo de ser operado para a retirada do tumor. Hoje, ele está bem. Mas ainda assim, essa situação nos mostra que não estamos falando aqui de um problema do passado. Muito pelo contrário. Acesso à saúde é mais uma uma questão urgente para a população quilombola de Vitória da Conquista.

[LOCUÇÃO - KARINA]

No quilombo do Boqueirão, quem destacou as dificuldades que os moradores enfrentam na área da saúde foi a agricultora Celeste Santos Souza, de 32 anos, além de outras lideranças comunitárias. Uma das principais reivindicações da comunidade é a reforma do posto de saúde, que está com a estrutura bastante defasada. Além de paredes descascadas, vidros quebrados e calçada quase inteiramente destruída, faltam itens básicos de manutenção como água e papel higiênico. E pra piorar, o atendimento médico só costuma ocorrer uma única vez ao mês. Nossa visita à localidade ocorreu no dia 16 de setembro de 2023, ocasião na

qual gravamos um vídeo com Celeste e outras moradoras na frente da unidade de saúde.

[ENTREVISTA - CELESTE]

Celeste: Agora já tem dois meses, já tem dois meses que a médica só marca e não vem. **Victória:** E atende quantas pessoas quando tem atendimento? **Celeste:** Dez pessoas, o limite dela é só esse. Se a gente chegar aqui para atender, fica aqui um tempão esperando, não tem uma água. Vai usar o banheiro, não tem um papel, não tem uma descarga, nada funciona nesse posto. **Pessoa Não identificada:** Tem gente que é atendida aqui fora, sentado na calçada. **Celeste:** Eu tenho um tio, meu tio deu AVC, então ele não consegue subir aqui. Quando ele vem, seja pra tomar vacina ou seja pra atendimento, é aqui fora. **Victória:** Aqui fora? **Celeste:** Aqui fora, porque lá dentro não tem como ele entrar.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Celeste conta ainda que quando seu filho necessita de algum acompanhamento médico, principalmente quando fica gripado, ela precisa levá-lo para a zona urbana de Conquista, já que não dá pra contar com o atendimento de saúde no posto da comunidade. Outra reclamação se deve ao fato do atual agente comunitário não ser morador do quilombo, o que segundo a agricultora, prejudica o serviço prestado ao povoado. E vale destacar que já há estudos que comprovam que quando esse profissional reside na própria comunidade onde atua, como acontece em São Joaquim do Sertão ou no quilombo do Sinzoca, isso melhora e facilita o trabalho desenvolvido no seu território. Mas esse, definitivamente, não é o caso do Boqueirão.

[ENTREVISTA - CELESTE]

Victória: E ele vem aqui com frequência? **Celeste:** Se ele vim aqui, minha filha. Eu vou te falar a verdade. Tem vezes que ele vem aqui, acho que ele fica umas meia hora. Monta na moto e vai embora.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Relatos parecidos com o de Celeste também foram ouvidos pela 2ª Regional da Defensoria Pública do Estado da Bahia durante a realização do projeto “Quilombolas em Conquista”, sobre o qual vamos falar em mais detalhes no próximo episódio. No relatório do projeto, a DPE destacou, inclusive, que há áreas remanescentes de quilombos completamente descobertas por agentes de saúde devido ao fato de alguns desses profissionais terem se aposentado ou sido transferidos para outras localidades. Foi isso que aconteceu, por exemplo, no quilombo de Cachoeira dos Porcos, onde as irmãs Vitória e Albetânia Alves

Fernandes passaram a atuar de forma voluntária para evitar que o posto de saúde da comunidade fosse fechado por falta de agente comunitário.

[ENTREVISTA - ALBETÂNIA]

Ó, eu faço [a] limpeza do posto.

[LOCUÇÃO - AFONSO: ESSA É ALBETÂNIA]

[ENTREVISTA - ALBETÂNIA]

No dia dos atendimentos médicos, eu faço café e levo pra eles. Pego o nome dos pacientes. Marco a consulta. Fico com eles da hora que eles chegam... Os médicos chegam até na hora que eles vão embora, deu fechar a sala, deixar tudo ajeitado. Marco os pré-natal. As grávidas daqui, todas que engravidou. Tudo passa nas consultas que eu marco. Eu que pego os exames. Tem casa que eu ainda vou levar. Tem umas que eu mando mensagem. Vem buscar seu exame que é mais próximo. E tem hora que vem o peso do Bolsa Família. Eu que saio perguntando quantas pessoas que tem. Aí chamo a equipe médica pra vir fazer os pesos. **Afonso:** Nossa... Todo esse... **Vitória:** A organização da vacina quilombola foi nós que fizemos. **Albetânia:** Foi nós que fizemos. **Vitória:** Pra vacinar a população.

[LOCUÇÃO - AFONSO: ESSA É A VITÓRIA]

[ENTREVISTA - ALBETÂNIA]

Albetânia: Foi. **Afonso:** Entendi. E sobre a situação do posto. Tem uma estrutura aqui, um prédio. **Albetânia:** Tem. **Afonso:** E os médicos vêm atender aqui uma vez ao mês? **Albetânia:** Uma vez ao mês. A enfermeira pra atender a gestante e os bebezinhos. E o médico pra atender os demais. **Afonso:** Os demais, que é sempre marcado previamente por você. **Vitória:** A quantidade de pessoas. **Albetânia:** A quantidade de pessoas era 14. Agora foi pra 13. **Afonso:** Um máximo de 13 vagas por mês. **Albetânia:** Por mês. Se tiver uma gestante não pode ser 13. Se tiver uma gestante só pode ser 12. **Albetânia, Vitória e Afonso:** Tem prioridade. **Albetânia e Vitória:** Que a gestante ocupa duas vagas. **Albetânia:** Aí se tiver duas gestantes tem que ser... **Vitória:** 4 vagas reduzidas. **Albetânia:** Reduzidas.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

A principal queixa de Vitória e Albetânia é justamente a quantidade limitada de vagas ofertadas para o atendimento de saúde da comunidade em um período tão curto, já que a equipe médica só vai à Cachoeira dos Porcos uma vez ao mês. E essa realidade é a mesma em 89% dos quilombos conquistenses, segundo

levantamento da Defensoria. Somente em 11% das comunidades visitadas pelo órgão o atendimento médico ocorre ao menos duas vezes por mês.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Segundo o Comitê Técnico de Saúde da População Negra, instituído em 2004 através da Portaria de nº 1.678, a oferta pública de saúde ainda se concentra muito nas sedes dos municípios, com base nas demandas de profissionais e gestores e não dos usuários, o que reforça situações de vulnerabilidade social para segmentos da população como as comunidades quilombolas. O comitê avalia que falta mais preocupação do Poder Público com o acesso dessas pessoas aos serviços de saúde.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Um reflexo direto disso foi o que ouvimos da líder comunitária Ramônica Santos Mendonça, moradora do quilombo de Manoel Antônio e secretária da associação quilombola de Oiteiro e território, que representa não só a sua comunidade, mas também outras seis que ficam na região de Lagoa de Maria Clemência, no distrito do Pradoso. Lá os moradores vivenciam um pouco de tudo que já narramos por aqui. Tem posto de saúde deteriorado e inativo, consultas ocorrendo na sede da associação e somente uma vez ao mês, número de agentes comunitários reduzido pela metade, entre outros problemas que se repetem em diversas outras comunidades quilombolas de Vitória da Conquista. Quando eu perguntei a Ramônica sobre o atendimento de saúde no seu território, ela resumiu sua resposta, inicialmente, em uma palavra.

[ENTREVISTA - RAMÔNICA]

Precária. Na realidade a gente não tem, a gente não tem serviço de saúde. Porque uma gestante que precisa andar oito quilômetros para poder chegar no ponto de ônibus para poder chegar em uma outra comunidade para conseguir um atendimento médico é um descaso. É não ter saúde. Hoje, a gente consegue que a equipe médica venha aqui para poder atualizar, fazer atualização no cartão de vacina de crianças. Mas muitas crianças da comunidade estão com vacinas atrasadas porque imagine aí, você pegar uma criança de seis anos. Ela paga passagem. Aqui, infelizmente paga, uma criança de seis anos. **Denício: Sem contar que tem mãe que tem quatro filhos.** **Ramônica:** Aí você pega uma criança, uma mãe com seis crianças nessa faixa etária. De seis, sete, oito, nove, dez anos para levar para fazer exame, passar por um dentista, atualizar cartão de vacina, não dá.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Sim, Ramônica tinha muito além de uma palavra para dizer.

[ENTREVISTA - RAMÔNICA]

A gente tá com uma, duas, três quatro, acho que umas cinco gestantes. Inclusive uma tá lá em Conquista. Foi pra lá, pra casa da sogra, ficar lá pra esperar o dia de ter o nenê com medo de sentir qualquer coisa aqui e não ter uma equipe de saúde por perto. Uma vez que você chega no Padroso também é a mesma coisa que nada, porque você chega lá, vão pedir para procurar o serviço de saúde em Conquista. Aí ela tá lá, já teve o nenê, passou por uma cesariana, tá esperando lá, doida pra voltar para casa, mas tá esperando porque tem pontos para tirar, tem a criança para fazer vacina, fazer teste do pezinho. Então, ela é obrigada a ficar lá quase trinta dias para fazer tudo isso, porque se vir pra cá vai ficar aquele gasto com transporte, porque ela é uma gestante, ela é um puerpério. Vai ficar o gasto com transporte de ida e vinda pra ficar tirando ponto, passando a criança para um pediatra, fazendo o calendário vacinal completo, aí é um transtorno, é chato. Pense aí, você ficar abusando os outros, porque muitos aqui não tem parente lá, aí têm conhecidos, têm amigos que ainda recebe em casa. Você tá incomodando por conta de saúde porque aqui a gente não tem. Porque eu acredito que se tivesse uma saúde decente, adequada mesmo, não precisava disso tudo. Fazia tudo aqui. Porque assim, se um posto de saúde em Conquista faz tudo isso, por que o da zona rural não?

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Acho que essa é a pergunta central sobre a qual devemos refletir ao tratar desse assunto. Mas não só refletir. É preciso também questionar o que está posto e buscar mudanças. E isso é algo para o qual a população quilombola de todo o Brasil já tem se atentado.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Em maio de 2023, ocorreu a 1ª Conferência Nacional de Saúde Quilombola. A atividade integrou o calendário oficial da 17ª Conferência Nacional de Saúde e teve como tema (abre aspas) “A saúde quilombola como política pública: em defesa da democracia, do direito à terra e por um novo modelo de saúde dentro dos territórios quilombolas” (fecha aspas). O evento foi promovido pela Coordenação Nacional de Quilombos, a CONAQ, em parceria com o Conselho Nacional de Saúde (CNS) e mais 18 movimentos sociais, organizações políticas e outras instituições. Um dos mediadores foi inclusive um conquistense natural do quilombo de Lagoa de Maria Clemência e mestrando em Saúde Coletiva pela UFBA, o Mateus Brito.

[ILUSTRAÇÃO - VIDEOCONFERÊNCIA CONAQ]

Acho que dar boas vindas mais uma vez, né, a todas as pessoas presentes. Esse é um momento histórico, né, um momento em que as Comunidades Quilombolas do Brasil estão em festa. Nunca na história aconteceu uma conferência livre para debater as necessidades de saúde das Comunidades Quilombolas no Brasil, em mais de 400 anos de história. Então hoje com todos esses desafios que a gente teve para poder chegar até aqui neste momento nós estamos realizando essa primeira conferência nacional.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Antes mesmo de começar efetivamente, a conferência sofreu um ataque hacker de teor racista e fascista enquanto os convidados e participantes ingressavam em uma sala do Google Meet. Mas apesar disso, a organização do evento superou as dificuldades, migrou a transmissão para o YouTube e, assim, conseguiu reunir mais de mil pessoas on-line, de comunidades quilombolas rurais e urbanas de todo o país.

[ILUSTRAÇÃO - VIDEOCONFERÊNCIA CONAQ]

Graça: Boa noite a todos e todas. É... A gente pede desculpas, né, mesmo sabendo que nós não temos culpa nessa situação. Mas tudo que é nosso e tudo que é forte incomoda, e o nosso povo, a nossa luta, a nossa força incomoda. Então deu pra ver claramente, né. Então mais uma vez é com muita emoção. É... mas a gente sabe que quando a gente está unido com o objetivo, a... a guerra não é fácil. Então, que nossos orixás nos abençoem, que os nossos orixás nos orientem e que nós vamos chegar no nosso objetivo que é essa 1ª Conferência de Saúde Nacional Quilombola.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Os debates da conferência destacaram a necessidade de fortalecimento da Atenção Primária à Saúde (APS) e da presença de Agentes Comunitários de Saúde (ACS) em todos os territórios quilombolas do Brasil. Outro importante ponto levantado foi a criação de uma Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da População Quilombola, além do Programa Nacional Mais Saúde nos Quilombos, ambos com foco na promoção da saúde e da equidade em comunidades remanescentes de todo o país. São muitas conquistas a alcançar e a luta pelo direito à saúde da população quilombola está só começando.

[ILUSTRAÇÃO - VIDEOCONFERÊNCIA CONAQ]

A luta da CONAQ é pela implementação das políticas de saúde, do SUS para os quilombolas. Saúde quilombola é o direito à educação de qualidade. Viva a nossa saúde do nosso povo quilombola. Saúde quilombola é a garantia de acesso à cultura, lazer, trabalho e esporte nos quilombos. Saúde quilombola é soberania. É

alimentar a qualidade de vida nos quilombos. Saúde quilombola é combater o racismo e lutar por equidade, dentro e fora dos territórios. Saúde quilombola é ter direito à saúde, à vacina e à Política Nacional de Saúde Quilombola. Saúde para todos. Saúde quilombola é a garantia de direito à terra e a demarcação dos territórios quilombolas. Saúde é a capacidade de lutar contra tudo aquilo que te oprime. Saúde quilombola se faz com democracia e participação social.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Nós solicitamos posicionamento da Prefeitura de Vitória da Conquista acerca das queixas apresentadas pelos nossos entrevistados antes mesmo da publicação da reportagem que fizemos em colaboração para a Folha de São Paulo. Em nota, a Secretaria Municipal de Saúde informou que alguns postos de saúde da zona rural do município, como o do Boqueirão, (abre aspas) “já estão incluídos no planejamento de reformas e manutenção da pasta, mas ainda aguarda a previsão orçamentária e financeira para viabilizar a requalificação” (fecha aspas).

[LOCUÇÃO - KARINA]

Sobre as dificuldades para marcação de exames e a demora para atendimento médico, a Secretaria informou que uma nova Equipe de Saúde da Família itinerante tem prestado o atendimento de forma regular aos quilombos desde o segundo semestre de 2023, principalmente da região do Pradoso, após um período em que as comunidades estiveram descobertas pelo serviço. A pasta admitiu que as consultas ocorrem tanto em postos satélites quanto em espaços como igrejas e escolas nos povoados onde não há unidades de saúde.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Quanto à falta de agentes comunitários de saúde em algumas comunidades, a Prefeitura informou que o concurso público para o preenchimento de vagas na rede municipal de saúde está em fase de elaboração e tem previsão de ser divulgado até o início deste ano. Por fim, a gestão municipal afirmou que há uma constante fiscalização dos processos de trabalho e monitoramento diário dos atendimentos que todas as equipes de saúde realizam na zona rural.

[TRILHA - VINHETA DE ENCERRAMENTO]

[LOCUÇÃO - AFONSO E KARINA]

AFONSO: O Fatos & Vozes é uma produção original do Conquista Repórter, site de jornalismo independente de Vitória da Conquista. Para a realização da série “Conquista de Quilombos”, contamos com o apoio do Centro Internacional para Jornalistas, do Meta Journalism Project e da Associação de Jornalismo Digital. Eu

sou Afonso Ribas e, além da pesquisa, produção e roteiro, faço a apresentação deste podcast ao lado da minha colega de reportagem, Karina Costa. **KARINA:** Na apuração, quem esteve conosco foi a Victória Lôbo, que também é responsável pela direção criativa e locuções adicionais do Fatos & Vozes. A edição e sonorização ficam por conta de Anderson Rosa. A identidade visual e o design das nossas capas são de Caren Vieira e a trilha sonora original é do Gabriel Falcão. As transcrições de entrevistas foram feitas por Pedro Henrique Ferraz, Talyta Brito e Leonel Brito. Neste episódio, você ouviu áudio da Câmara Municipal de Vitória da Conquista, da Band FM e da CONAQ. Para a gravação, contamos com a parceria do curso de Jornalismo da UESB, através do seu Laboratório de Radiojornalismo. **AFONSO:** Se você gosta do nosso trabalho, compartilhe o podcast com seus amigos, divulgue nas suas redes sociais, dê 5 estrelas, tudo isso já nos fortalece e muito. E, se for possível, assine a nossa campanha de financiamento coletivo em catarse.me/conquistareporter. Seu apoio faz toda a diferença! Eu fico por aqui e até o próximo episódio! **KARINA:** Até mais!